

Quais passados estão na estátua do Coronel Pedro Osório?

What past are in the statue of Colonel Pedro Osório?

Larissa Ceroni de Moraes
Mestra em História (UFPel)
larissa.cermoraes@gmail.com

Recebido: 30/06/2025

Aprovado: 02/12/2025

Resumo: O presente artigo é uma análise sobre o monumento construído em homenagem ao Coronel Pedro Osório, presente na Praça Coronel Pedro Osório na cidade de Pelotas, Rio Grande do Sul. A escolha do artista, o período da sua construção, sua localização na cidade e na própria praça apresentam uma gama de intencionalidades, visando ecoar um passado que foi apropriado por um grupo, mas que no presente é visitado por uma quantidade decrescente de indivíduos (em contraste com as demais zonas da praça). A sua ocupação e a escolha de manter o estatuário mais escondido indicam uma ausência de cuidados do governo e uma falta de conexão da população com o monumento. Ao monumentalizar a figura de Pedro Osório uma memória econômica, política e social foi patrimonializada, enquanto as restantes foram colocadas de lado, tal decisão seguiu padrões identificados no restante do estado do Rio Grande do Sul.

Palavras-chave: Memória; Monumento; Praça Coronel Pedro Osório.

Abstract: This article is an analysis of the monument built in honor of Colonel Pedro Osório, present in Coronel Pedro Osório square in the city of Pelotas, Rio Grande do Sul. The choice of the artist, the period of its construction, its location in the city and in the square itself present a range of intentions, aiming to echo a past that was appropriated by a group, but which at present is visited by a decreasing number of individuals. Its occupation and the choice to keep the statuary more hidden indicate an absence of government care and a lack of connection of the population with the monument. By monumentalizing the figure of Pedro Osório an economic, political and social memory was patrimonialized, while the remaining were set aside, such a decision followed patterns identified in the rest of the state of Rio Grande do Sul.

Palabras clave/Keywords: Memory; Monument; Colonel Pedro Osório Square.

Introdução

Localizada no Rio Grande do Sul, a cidade de Pelotas tem como característica a manutenção de diversas construções do século XIX que remetem a um passado de influência econômica. Um dos grandes nomes da cidade é a figura do Coronel Pedro Osório. Natural de Caçapava do Sul, desenvolveu

o seu poderio na “Princesa do Sul”¹. Em decorrência da morte do político, no ano de 1931, a praça central ganhou o nome de “Praça Coronel Pedro Osório”, o espaço é um local de socialização onde o público frequentador convive com as diversas esculturas dispostas ali, inclusive a estátua feita em homenagem a ele.

Produzido por Antônio Caringi, o monumento foi criado em 1954, no centenário de aniversário do Coronel, contando com três imagens em relevo. O primeiro, na parte de trás, mostra uma família de imigrantes; o segundo na base, retrata uma cena sobre o trabalho no campo composta por homens, mulheres e animais; por fim no terceiro, acima de tudo isso, está a estátua do Coronel Pedro Osório. Toda esta composição traz memórias, emoções e políticas de identidade ao mesmo tempo, camuflados no dia-a-dia. Em dois momentos distintos optou-se pela homenagem a uma mesma figura, mantendo-a até a atualidade, mas o que isso significa? Quais memórias, emoções e noções mantiveram-se através deste monumento? O quanto a comunidade pelotense ainda se interessa por estes discursos?

Para responder tais questionamentos este trabalho está dividido em três seções: 1) Um tropeiro, político e militar, quem era o Rei do Arroz? Uma análise sobre a figura de Pedro Osório; . 2) Antônio Caringi, o maior Estatuário do Rio Grande do Sul; 3) Uma estátua sobre o que? Metodologicamente esse trabalho foi elaborado através de uma pesquisa e análise bibliográfica voltada ao campo patrimonial. Em decorrência do tempo e localização geográfica não foi possível acessar documentações relativas aos processos de nomeações, confecção e implementação da obra e a construção do discurso republicano regional.

Tais documentações e dados podem estar salvaguardadas em alguns acervos da cidade, contudo o seu acesso é majoritariamente presencial, demandando uma série de ações impraticáveis durante esse trabalho. Assim, o presente artigo irá discorrer sobre como este monumento mantém discursos pensados durante a sua produção, em conjunto com um processo de ressignificação da obra. É importante sabermos quais memórias são evocadas, para tal, identificar o contexto da produção a mando do governo municipal e a manutenção do estatuário no centro da cidade normaliza certos ideais e busca apagar outros por este espaço de memória.

¹ Nomenclatura dada à cidade através de poemas ainda no começo dos anos de 1800, criando um imaginário de uma Pelotas imponente, culta e rica que foi legitimada pela população, Moreira, 2014.

Dilly e Gevehr (2021) assinalaram que o patrimônio cultural é tido como representativo da memória coletiva, com a comunidade se reconhecendo e identificando com ele, contudo todo patrimônio cultural oficializado no processo de tombamento é fruto de uma escolha. Os primeiros tombamentos no Rio Grande do Sul buscaram reforçar uma leitura tradicional da história campesina, almejando a manutenção dos interesses das elites locais. Para tal, produziram discursos que legitimam a narrativa de um passado com grandes feitos e personas, exaltando uma imagem militarizada, forte, retomando os ideais positivistas. Esse processo de manipulação e operação da memória são frutos das necessidades do século XX, que buscavam a modernização política, industrialização e manutenção de privilégios. Nesse sentido, a visão romântica e glorificada do passado permitiu gerar memórias manipuladas e a criação de mitos.

Pedro Osório: um tropeiro, político e militar, quem era o Rei do Arroz?

Pedro Luís Rocha Osório (1854) destacou-se em uma série de campos distintos, desse modo o seu percurso era atravessado pela vida empresarial, política e social. Era filho do Major Luís Osório e da dona de casa Florinda Rocha Osório, tornou-se tropeiro e chegou em Pelotas pela primeira vez aos 17 anos (1871). Sete anos depois é nomeado administrador e gerente da empresa do Barão do Arroio Grande (Francisco Antunes Gomes da Costa), momento em que adquiriu conhecimentos sobre a indústria do charque e um senso de direção empresarial, com isto em 1886 ele adentrou na industrialização da carne com a reforma e modernização do estabelecimento chamado "Cascalho".

Somente dois anos depois ele comprou a Charqueada do Areal, ao mesmo tempo que fundou a União Republicana, colaborando com comícios e reuniões públicas para propagar as ideias republicanas e abolicionistas, assumiu a liderança do Partido Republicano Rio-Grandense (permanecendo no cargo até a sua morte). Para instalar e organizar o republicanismo na cidade ele entrou na 1ª Junta Administrativa. Ao mesmo tempo que fundava a firma Pedro Osório & Cia. para atender os negócios charqueadores, foi nomeado como Comandante Superior da Guarda Nacional, recebendo as honras de Coronel do Exército, pelos seus serviços prestados à república.

No começo de 1903 tornou-se Vice-presidente do Estado durante o governo de Borges de Medeiros. Após 4 anos ele fundou mais uma charqueada, localizada em Tupanciretã, sendo um marco na região, simultaneamente iniciou a primeira plantação de arroz, aumentando o seu destaque a cada plantação. Com o objetivo de aperfeiçoar o cultivo, ele viajou à Itália e à Alemanha por novos maquinários, como resultado teve a maior produção da América do Sul e ficou reconhecido internacionalmente. Inovador nas indústrias, buscou diferentes matérias primas, instituiu seguro de

vida para seus funcionários e instalou em suas propriedades um sistema de atendimento médico, escolas e condições de melhoria da qualidade de vida, com boas casas e salários justos. No começo de 1931 Pedro Osório teve um derrame cerebral e faleceu, durante seu enterro em Pelotas, estima-se que 20.000 pessoas estiveram presentes.

Estas informações trazidas acima foram produzidas pelo site Viva o Charque: a memória do *ciclo do charque em Pelotas*², um portal republicano do começo dos anos 2000 que tinha como objetivo propagar os grandes homens e as grandes histórias pelotenses. Os sites mais populares, ao abordarem a biografia do Coronel Pedro Osório, pegaram esses materiais como base, copiando-os e colando-os, sem alterações. Ao pesquisar sobre a persona “Pedro Osório” os diferentes veículos colocam o mesmo discurso, assim, ao abrir a Wikipédia (o primeiro link que aparece ao pesquisar o seu nome) o texto exposto segue a perspectiva republicana produzida pelo site, promovendo este mesmo discurso e enaltecimento desta figura.

Mesmo não tendo uma carreira militar extensa, a alcunha de “coronel” ficou fortemente vinculada ao seu nome, esta escolha dialoga com o governo de Floriano Peixoto (1891-1894), o qual investiu em um projeto de afirmação de uma identidade política através do exército, mostrando-o como um ramo armado do governo federal, sendo a única instituição moralmente capaz de governar a República. Esse ambiente simbólico/político traz os rituais cívicos como evocação do passado, através de elaborações discursivas capazes de fomentar identidades, as mobilizações da memória devem-se à intervenção de um fator inquietante e multiforme que se intercala entre a reivindicação de identidade e as expressões públicas da memória. (RICOEUR, 2007).

À vista disso, quando o governo de Floriano Peixoto rememora figuras militares, está personificando a instituição estatal por meio de símbolos, unindo memórias regionais ao Estado brasileiro. Através da construção de monumentos em homenagem a figuras já conhecidas e defendidas por grupos locais tal intervenção conduz a memória de um passado próspero ao símbolo do Coronel, almejando conectá-lo à reivindicação da identidade nacional.

Antônio Caringi, o maior Estatuário do Rio Grande do Sul.

A produção da obra foi pensada e concretizada por Antônio Caringi (1905) um pelotense que logo no começo da sua vida já apresentou desenvoltura para as artes e aos 23 anos viajou à Europa assumindo o cargo de Adido Cultural no Consulado Brasileiro em Munique, na Alemanha, enquanto

² Site: <http://www.vivaucharque.com.br/index.php>, Acessado em Agosto de 2023.

estudava na Academia de Belas Artes com os escultores Hermann Hahn e Hans Stangl (artistas importantes para o regime nazista e o líder Adolf Hitler)³. Quando Caringi retornou da Alemanha encontrou um Brasil desenvolvendo situações políticas e sociais nacionalistas, propiciando um terreno próspero para a estética à qual se associava, servindo a ideologia nacionalista em ascensão no Brasil. Logo, os seus trabalhos puderam expressar, de forma tranquila, uma homenagem aos “heróis e fatos históricos brasileiros”, idealizando a figura dos imigrantes e as narrativas republicanas. Mützenberg (2006) continua discorrendo sobre:

A escultura pública teve um papel fundamental no Rio Grande do Sul, como marco de propaganda do heroísmo, do progresso, do nacionalismo, do comércio, da guerra e da cultura. E como propaganda política foi bem compreendida pelos seus governantes e a elite da sociedade gaúcha (MÜTZENBERG, 2006, p.32-33).

Assim posto, dá para compreender como a construção de uma estátua sobre um personagem brasileiro, mais especificamente sul-riograndense, traz em si um discurso sobre uma suposta identidade regional e nacional. Torino et al (2019, p.577) agregam a discussão ao dizer que toda a forma de manifestação ou expressão artística possuem técnicas artísticas de narração, mais que isso, narrativas visuais das quais Antônio Caringi conta e sustenta histórias para o público que as contempla.

Com uma produção extensa, suas obras contam histórias de “heróis”, imortalizando estas personalidades de diferentes épocas, destacando a benemerência, despertando o patriotismo, chegando até ao amor e a devoção. Como uma boa parte de seus estudos ocorreu na Alemanha, há uma forte ligação da sua produção com o país, o qual disponibiliza os materiais e em alguns casos confeccionava as obras, mandando-as para o Brasil após serem finalizadas. Durante a Era Vargas seus trabalhos continuaram a ser procurados, uma vez que o nacionalismo e o tradicionalismo gaúcho estavam em voga (TILL, 2005).

Construindo figuras para representar movimentos, grupos populacionais (como o caso do Monumento Nacional ao Imigrante⁴ e do Sentinela Farroupilha) e grandes nomes, a obra em que este artigo irá se debruçar é a homenagem ao Coronel Pedro Luís da Rocha Osório, o qual carregava consigo uma narrativa prévia:

³ O escultor tinha uma aproximação com as perspectivas artísticas alemãs (GALART), das quais concebiam as artes com a capacidade de compartilhar discursos, desse modo, os regimes totalitários as usam como propaganda biopolítica, apresentando uma estética totalitária controlada pelo Estado seguindo os padrões neoclássicos, cultuando ao corpo de forma hiperrealista, com a simulação de movimento e seguindo narrativas coletivas. (DA SILVA, 2022)

⁴ Este monumento foi encomendado por Getúlio Vargas, para representar a chegada, o trabalho e a integração dos imigrantes com a nova terra (Informação retirada do site: <https://caxias.rs.gov.br/servicos/cultura/museus/monumento-nacional-ao-imigrante>)

Considerado um visionário e grande empreendedor, chegou aos 17 anos de idade em Pelotas onde, de tropeiro passou a charqueador. Em seguida, tornou-se pecuarista e exportador de carnes, depois, grande plantador e beneficiador de arroz. Político, republicano e abolicionista, partidário do ensino gratuito, era reconhecido como protetor e defensor dos direitos de seus funcionários. Criou, para eles, um sistema de atendimento médico, escolas e condições de melhoria da qualidade de vida, considerado pioneiro no Brasil na instituição do seguro de vida (ABUCHAIM, 2013).

A obra do monumento foi custeada pela comunidade pelotense através de uma campanha para angariar doações em dinheiro, o que possibilitou o pagamento de Caringi e do material necessário, tudo para comemorar o centenário de nascimento do homenageado.

Uma estátua sobre o que?

A construção do monumento ocorreu na praça central da cidade, próximo à prefeitura municipal. O entorno da Praça concentra casarões e monumentos homenageando diferentes personas. Ainda no século XIX o espaço foi cercado para proteger de ações de vândalos, mas este cercamento foi retirado em 1917. Esse fato demonstra que ainda no final do século XIX, havia um receio do poder público para com as ações sobre os monumentos e usos populares da Praça. Mas, simultaneamente, é um cenário de movimentações artísticas e diversas atividades que possibilitam o público interagir com as ações culturais e a natureza, logo há um interesse na preservação das suas obras. (FARO; GONÇALVES, 2015).

Acessar a historicidade desse espaço é complexo, pois na memória local dificilmente um indivíduo falará que inicialmente chamava-se de Praça da Regeneração, em 1865 mudou de nome para Praça Dom Pedro II (nome não muito aceito pela população, que manteve cotidianamente o nome Praça da Regeneração), e em 1895 definiu-se como Praça da República. O que determinou o nome atual do espaço foi o falecimento do coronel, em 1931, após o acontecimento o governo decidiu homenagear a vida de Pedro Osório, um homem da elite, com negócios bem sucedidos e um defensor ativo da política republicana.

Através da escolha da sua nomenclatura há manutenção do símbolo republicano, o vocabulário cotidiano reverbera uma série de visões de mundo, inclusive a estatal, para Charaudeau (2008) o discurso é um ato de linguagem composto por termos inseridos em contextos linguísticos, sociais, históricos, econômicos e regionais. O locutor estatal, junto aos interlocutores (população), constroem os sentidos, as relações e os entendimentos sobre tal patrimônio. Logo a composição nominal de uma cidade e seus lugares ecoa um discurso político, que traz programas e identidades, das quais ajudam as

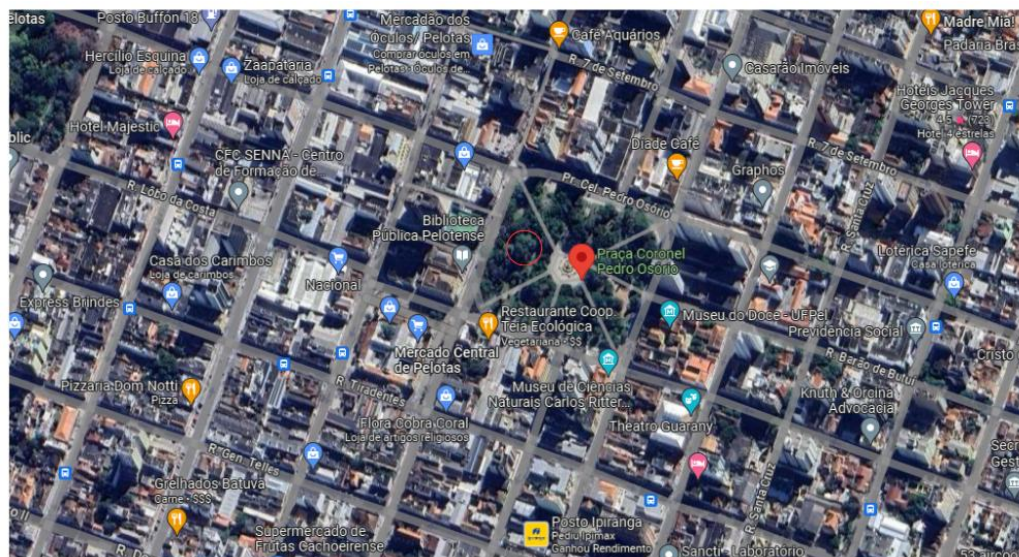
peessoas a compreender o que estão vivendo, lhes dando esperanças ou receios para o futuro (MOUFFE, 2017).

Geograficamente a localização da praça não é centralizada, contudo, ela encontra-se na medula dos cidadãos, Ávila et al (2018, p. 239) apontam que atualmente a Praça, em conjunto com o Mercado Público, são o cenário de socialização, venda de mercadorias e troca de conhecimentos na cidade, logo a sua classificação como Patrimônio Cultural mantém-se significativa à população. A apropriação do território da praça é ampla, os usuários compõem-se de crianças a idosos, em diferentes turnos, com diversos motivadores, a partir do levantamento arquitetônico de Quintanilha e Portella (2014) às atividades na Praça externam algumas constâncias, como a pouca atividade na região da estátua ao Coronel Pedro Osório (em contraste com o restante do espaço).

Há um grande movimento diário, aos finais de semana, datas especiais, manifestações políticas, culturais e espontâneas os pelotenses e turistas utilizam-se dos gramados, bancos, brinquedos e estatutários ali dispostos. Durante o ano ocorrem uma série de eventos na praça ou suas proximidades, a título de exemplo nos meses de novembro acontece a feira do livro da cidade, instalam-se toldos, bancas e apresentações artísticas fazem com que a região tenha um movimento extenso, exceto a região do monumento

Um dos motivadores é a ausência de possibilidades em atividades para o público (visto que mesmo nestes momentos culturais, artísticos, políticas e sociais as organizações e a população não concebem propostas para tal espaço) ao mesmo tempo em que não há uma iluminação que proporcione segurança (desta forma mesmo que um indivíduo/coletivo tencione se apropriar desta região é desestimulado pela própria ausência de estrutura), a localização da estátua é voltada à rua Quinze de Novembro, em frente a Biblioteca Pública Pelotense e a Prefeitura Municipal, na imagem está circulado em vermelho.

Imagem 1: A Praça Coronel Pedro Osório.



Fonte: Google Maps.

A sua disposição próxima ao centro governamental e a uma série de pontos turísticos facilitaria o desenvolvimento e/ou reforço da dinâmica de apropriação memorial pelotense, fosse com a intenção nacionalista original, ou um processo de ressignificação dessa figura, por meio de questionamentos e reflexões de quem foi representado ali? Com tanto destaque na cidade. E por qual razão se mantém depois de tantos anos?

Ainda sim, a praça pode ser considerada um espaço de recordação com uma força específica da memória e um poder vinculativo, ela serve de cenário para os mais diversos acontecimentos e práticas culturais, contendo monumentos que às vezes são usados pelo público como suporte para expressão de suas manifestações culturais, como as pichações, “atualizando” a obra pelas transformações sociais enquanto o coronel Pedro Osório segue “estático” (TORINO *et al*, 2019).

A 130 metros do nosso objeto de análise está uma figura em bronze de João Simões Lopes Neto, sentada em um banco, olhando para o movimento da rua, tal estatuariário mentem-se sem intervenções, ao mesmo tempo que a população local e turística busca interagir constantemente, seja pela memória de Lopes Neto, seja pela instalação em si, que convida aos transeuntes. Antes da instalação, havia um outro monumento, que foi destruído para a instalação da estátua ao coronel. A firma Nogueira e Filho encomendou um mosaico do mapa da cidade de Pelotas, fazendo uma obra única no país, a planta da cidade em louça atraía a todos sendo uma fonte de consulta e um guia, antes de sua destruição (TORINO *et al*, 2019).

Mesmo que a praça já levasse o nome do político, a segunda homenagem é descrita pelo site da Prefeitura de Pelotas como:

Feito em granito e bronze, o monumento homenageia a mesma figura que nomeia a praça. Foi inaugurado em 1954, marcando o centenário do Coronel Pedro Osório. Em sua base, encontra-se um baixo-relevo intitulado As Três Idades do Trabalho, em que está representada uma cena de campo do Rio Grande do Sul: homens, mulheres e animais, envolvidos na lida de arar a terra. Tanto o baixo-relevo, quanto a estátua de Pedro Osório são de autoria de Antônio Caringi. O Coronel Pedro Luís da Rocha Osório foi um colonizador influente da região sul. Comerciante, charqueador e pioneiro do cultivo de arroz irrigado na região, recebeu o título de coronel honorário do exército, por conta dos serviços prestados enquanto comandante da Guarda Nacional em Pelotas. (PREFEITURA DE PELOTAS, 2018).

Quando se retoma a história do personagem há um padrão nos termos e pontos levantados, quase como a busca da permanência do discurso, uma tentativa de parar o tempo e diferentes interpretações. Sobre isso, Hartog (2014, p. 143) traz que o historiador vive o tempo de forma cotidiana e ao produzir um trabalho historiográfico deve cuidar para não tratar a noção de tempo de forma homogênea, pois assim se instrumentaliza o tempo.

O tempo e o entendimento de como o presente está ligado com o nosso passado e futuro mudam conforme os diferentes contextos, logo é importante pontuarmos que durante o século XX, há um certo receio sobre o futuro. Após a Primeira Guerra Mundial novos discursos foram sendo construídos, os quais retomaram um passado ilustre para a construção de um futuro cheio de glórias, assim os monumentos seguiram esta lógica. O reconhecimento como Patrimônio material brasileiro veio em 2018 pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), o reconhecimento do instituto foi duplo, abrangendo as tradições doces da região e o conjunto histórico de Pelotas, tombando uma série de construções, incluindo a Praça e suas obras internas⁵.

A historicidade do monumento é também três retomadas ao discurso positivista republicano: a nomeação da praça, a construção da estátua e a patrimonialização da região e por conseguinte da mesma. Em cada um desses períodos o contexto histórico aponta movimentos saudosistas, que buscavam uma identidade coletivista em prol de um nacionalismo militarista.

A criação de Caringi se desdobra em três, com diferentes materiais e focos narrativos em cada uma das áreas, retoma passados distintos. A primeira parte foi esculpida em pedra e está voltada ao

⁵ Informação produzida por Rafaela Dutra, no site "Governo de Pelotas", na reportagem: "Pelotas é patrimônio cultural nacional há cinco anos", publicada em 16/05/2023, disponível em: <https://www.pelotas.com.br/noticia/pelotas-e-patrimonio-cultural-nacional-ha-cinco-anos>. Acesso em 25 de novembro de 2025.

interior da praça, seguindo um estilo clássico, com um realismo idealizado, o retângulo contempla uma família com o pai, a mãe, o avô e duas crianças, uma de colo e outra no chão (MÜTZENBERG, 2006, p.35). Todos os personagens estão vestidos (o menino entre os pais está somente com uma bermuda), sem sapatos e os adultos têm suas cabeças protegidas do sol. O pai está segurando com a mão direita um feixe de arroz, símbolo da produção agropastoril.

Imagem 2: A família.



Fonte: Fotografia Larissa Moraes.

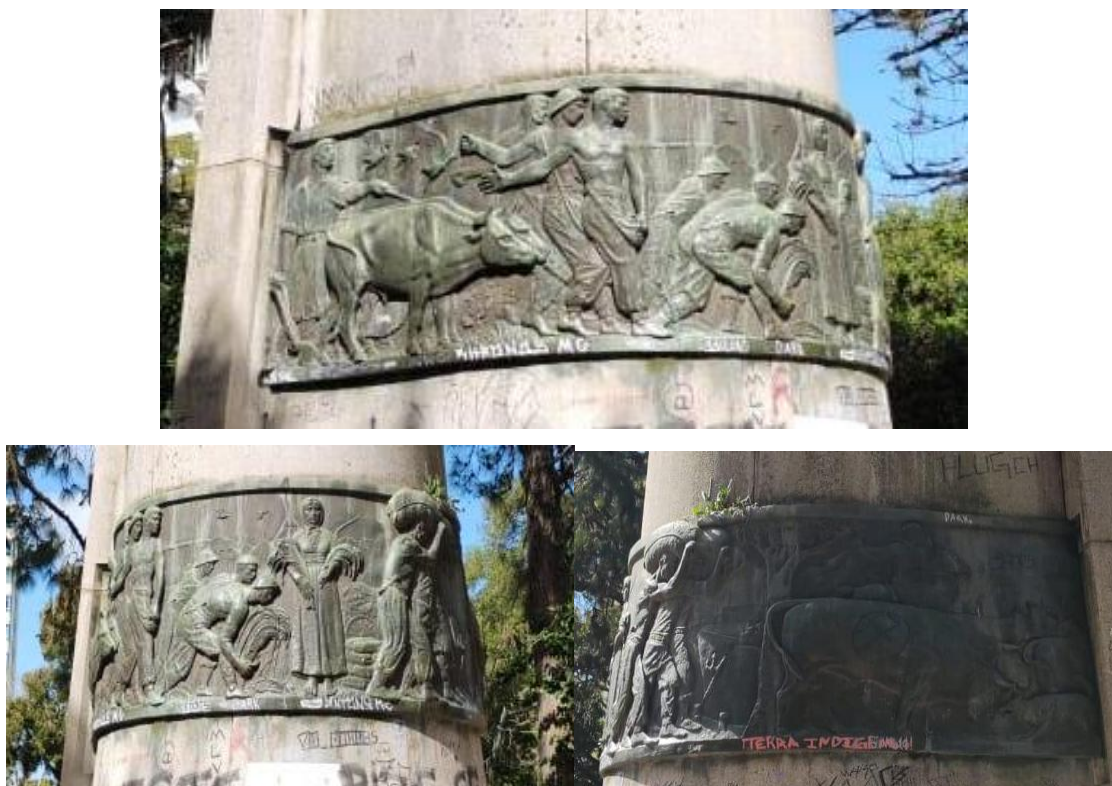
A fotografia tirada em agosto de 2023, permite observar o estado de conservação desta parte do monumento, representando uma família de trabalhadores do campo, com vestimentas que conversam com o tradicional (calça, chapéu e camiseta) e a população imigrante (um longo vestido, com algumas dobras). A interação entre os cinco é de afeto e cuidado, por meio do posicionamento das mãos (o avô cuidando dos dois adultos, a mãe segurando o bebê em seu colo) e olhares (o pai centrado na criança e no cachorrinho da família).

A narrativa escolhida por Caligari, traz à tona uma busca por unidade, famílias de trabalhadores, aqueles que foram auxiliados por Pedro Osório, estão nas costas dele, assegurando-o e sendo assegurados pelo mesmo. É uma ficção, uma criação de discurso, mesmo que o Coronel Osório tenha auxiliado efetivamente um grupo de pessoas e mudado a tendência econômica do estado, ele não é necessariamente o responsável pela identidade regional. Esta criação e preservação do passado constrói uma identidade nacional, o patrimônio ecoa e estatifica um passado, o qual não terá um compromisso com a realidade, esta ficção sem nenhum fundamento necessário na história, na natureza, na sociedade ou em qualquer outra realidade vem para justificar as crenças nacionalistas (GONÇALVES, 1988), ao mesmo tempo que reforça valores sobre trabalho e família.

Salaini (2006) produziu um estudo antropológico sobre como a construção da identidade e imaginário gaúcho foram confeccionados a partir da apropriação, do apagamento e silenciamento dos negros, a memória dos africanos e seus descendentes foi segregada à memória gaúcha. Tal esforço e movimento foi encabeçado pelos Centros de Tradição Gaúcha (CTG) e pelos governos municipais e estaduais, fortalecendo o imaginário de um estado desenvolvido por imigrantes, que junto com os militares, estancieiros e políticos assumiram as terras, cultivando-as com o seu trabalho e estudo, enquanto lutavam pelo progresso político e econômico do estado.

A segunda parte é feita de bronze e traz a lida com o gado, da semeadura ao arado, da colheita do arroz ao embarque nos navios, um conjunto de homens trabalha com afinco (TORINO et al, 2019). Na base do monumento, o quadro traz trabalhadores e trabalhadoras em meio ao plantio de arroz, ao mesmo tempo em que remete às charqueadas. É importante ressaltar que entre os homens há dois tipos, o que tem as vestimentas completas (com chapéu, camiseta e calça) e os que estão somente de calças.

Imagem 3: O Trabalho no campo.



Fonte: Fotografia Larissa Morais.

Desta vez não há o cuidado e o afeto apresentados na parte anterior, os olhares estão voltados ao trabalho, ao platino, a economia, todos olhando para a frente, a única mulher da imagem é quem carrega os feixes de arroz, a fertilidade e está de frente para público. Aqui, ele seleciona um tipo de mulher, essa pessoa modelo é uma trabalhadora, mãe, que zela, apoia aos homens, gera e mantém a família.

Antonio Caringi apaga um pouco da dureza na vida do campo e ao retratar este grupo apaga o grupo anterior, também responsável pela economia campeira. A população negra não aparece em momento algum nesta composição, mesmo que o Pedro Osorio posiciona-se favorável a abolição, não foi isso que escolheu-se retratar, esse silêncio narra que estes diferentes grupos estão em diferentes locais desde o começo, os negros estão a margem, distante de todos, servindo a todos e esquecidos, enquanto os demais gaúchos e imigrantes estão auxiliando e sendo auxiliados pelo Coronel.

Este passado ficcional traz sentimentos e para desenvolver uma narrativa, deve-se estabelecer como se relaciona com o passado, pois ele por si só evoca emoções, em estado puro, dá a cada um a emoção do contato com a diferença de um tempo sem história. Fabre discorre sobre:

Esse passado, fonte de uma emoção muito específica, está sempre ameaçado; esta ameaça impõe a urgência da ação e dá nova vida ao valor, que se revela sempre no

fato de que se deve levantar-se para defendê-lo. Este passado-valor pode ser destruído pelos homens, pelos distúrbios naturais, pela infelicidade do acaso, pode ser suprimido por interesses econômicos, por investimentos em construções, pelas obras públicas, pela especulação turística e pelos interesses do poder, mas este passado pode ser também deformado, transformado por uma elite que o gerencia ao seu modo, ou seja, antidemocraticamente. As palavras de ordem são de uma clara simplicidade: “restituir, como uma cópia perfeita, aquilo que foi destruído” é a primeira; a segunda, “oferecer à participação espontânea aquilo que foi descoberto”; a terceira é “não tocar naquilo que existe como petrificação do passado”. (FABRE, 2019, p.16-17).

Portanto, a forma na qual os elementos artísticos são posicionados, escolhidos para estar ou retirados do trabalho final formam um discurso, para defender ou atacar percepções políticas. A escolha de quais políticas do Pedro Osório seriam destacadas, quais seriam esquecidas, como os imigrantes foram retratos, constroem uma narrativa, da qual fala sobre esse passado de sucesso econômico, político e administrativo da cidade, essas narrativas diversas, determinam ao apagamento de um grupo, a homenagem ao outro, a valorização de um tipo de trabalho e a glória de uma pessoa.

Führ e Gasparetto (2023) apontam como o racismo institucional e os processos de invisibilização da história e cultura afrodescendente decorrem da patrimonialização das visões e dos discursos das elites, todavia a presença não branca (com os povos originários e afrodescendentes) sempre esteve de modo significativo, agindo historicamente e alicerçando as relações econômicas, religiosas, culturais e políticas do estado. Reconhecer a existência, agência e importância desses coletivos é também reconhecer as problemáticas, dominâncias e privilégios de outros grupos e dos mitos heroicos criados, para a defesa dos ideais federalistas e republicanos.

Caringi criou um monumento que traz na terceira parte, acima de todas as outras, a estátua em bronze rica em detalhes, de Pedro Osório com uma aparência tranquila, mão direita no bolso observando o público transeunte. Em cima desse bolso há uma pequena abertura, na qual uma corrente de metal mostra um relógio guardado (que era um símbolo de status social) aponta Torino et al (2019), mas para além disso é a detenção do tempo, dominá-lo é um retrato de poder, pois é quem consegue determinar as leis, definido as relações de trabalho e assim estruturando esquemas que priorizem o trabalhador ou o empregador, desenhando um sistema político, econômico e social.

Imagem 4: O Coronel.



Fonte: Larissa Moraes.

Imponente na praça, atualmente o local onde está o monumento é um espaço pouco frequentado, o qual, pelo tamanho das árvores, fica mais escondido, desse modo há poucos pedestres que passam por ali, havendo uma maior interação com as pessoas em situação de rua, cuidadores de carros e pessoas com objetivos de intervenções. Com diferentes escritas em seu entorno, o monumento passou e passa por ressignificações em cada nova manifestação, chamando a atenção do público, assim esta “vandalização” acaba por tornar, mais uma vez, a estátua visível.

Sem grandes detalhes para explicar ao público o que cada uma das partes da obra significam, para a população está apresentado somente “ao coronel Pedro Osório, 1854 - 1954”. É difícil conseguir absorver o rosto da figura, a sua monumentalidade, vem das suas o seu impacto sobre esta parte do monumento é a vestimentas, a postura séria, mas discreta, desse modo, ela virou parte da paisagem, sendo internalizada como referência nesse espaço público.

A construção desta narrativa ficcional apresenta ainda os aspectos de identidade firmada a partir de uma figura política, o patrimônio irá representar um grupo e/ou seguimento social, através

de um tipo de arquitetura, culinária, uma atividade festiva, uma forma de artesanato ou um tipo de música, sendo reconhecido como “patrimônio cultural” e será reconhecido por ele e eventualmente pelo governo, assim este grupo irá defender, preservar e lutar pelo reconhecimento público desse patrimônio, pois significa lutar pela própria existência e permanência social e cultural do grupo (GONÇALVES, 2015). Este embate não ocorre neste caso estudado, o discurso defendido é acolhido pelo governo, o autor segue: o grupo é acolhido pelo governo municipal. O autor segue:

A noção de “identidade” desempenha nesses processos um papel crucial. Do ponto de vista do Estado e de suas políticas, especificamente suas políticas de patrimônio, “identificar” um grupo e seu patrimônio equivale a exercer positivamente sua função enquanto agência do poder. Por esse ângulo, a noção traz em si uma certa ambiguidade: se, por um lado, é a forma pela qual um grupo se afirma publicamente, por outro, é o modo pelo qual o Estado exerce seu controle sobre a sociedade.

Sendo assim, a estátua aproxima-se dessa relação de poder, perpetuando discursos sobre trabalho, família e relações políticas, aos mesmo tempo que silencia a população negra e vangloria o Coronel Pedro Osório, um exemplo desta manutenção é a existência do site “Viva o Charque” feito por uma parcela populacional pelotense e para levar ao maior número possível de pessoas estas narrativas, produzindo mecanismos de negação, de recusa, de exclusão, ao mesmo tempo em que possibilita construir formas de proteção e reconhecimento jurídico-político-policiais em nossa sociedade.

Assim, os patrimônios como um todo, e em específico a estátua do Coronel Pedro Osório, são menos expressões de identidades do que meios de produção de determinadas formas de autoconsciência individual e coletiva (GONÇALVES, 2015)

Considerações Finais

Após todos estes apontamentos fica melhor para responder às perguntas iniciais, pois a escolha de homenagear o Coronel Pedro Osório, tanto no nome da praça como na estátua são resultado da retomada de um passado regional/ nacional fortalecendo o discurso republicano. Ao mesmo tempo em que reforçou a imagem pelotense, ou melhor a imagem da "Princesa do Sul", enquanto cidade que se pretendia forte, rica e luxuosa. Defendendo um regime político, valores familiares, de trabalho, um personagem e um modelo de cidade, o monumento é uma ode ao nacionalismo.

Retomando diferentes momentos da economia sul rio grandense, ao mesmo tempo que evoca uma noção de coletivo, família, trabalho e nacionalismo, o monumento está ecoando memórias de dois séculos atrás, através de uma única figura pode-se desenvolver uma narrativa ficcional sobre uma

nação. A emoção e o reconhecimento de identidade, possibilitado por meio desta obra, traz ao pelotense, brasileiro, a sensação de pertencimento, de bravura e desenvolvimento econômico, imagens e narrativas associadas em diferentes momentos ao Osório.

Há uma parcela da comunidade pelotense que ainda se identifica e propaga estas noções, um exemplo disso é o site "Viva o Charque", um portal que almeja: “conhecer, valorizar e divulgar pela Internet a memória e os bens culturais do ciclo sócio-econômico do charque no Município de Pelotas”, mas que em seus textos defende os discursos já abordados. Mas há a parcela favorável a ressignificação das narrativas oficiais, intervindo de diferentes formas, buscando ressignificar e resistir através de seus atos (um exemplo é o pixo, ao entorno de toda a obra) e há ainda a parcela populacional indiferente a estes passados, da qual nem observa a presença deste monumento, que camuflou-se completamente na região pouco frequentada da praça e em meio às árvores.

A obra em homenagem ao Coronel Pedro Osório mantém uma visão progressiva para o século XX, mas retrógrada para o século XXI, enquanto para o tempo e suas narrativas, o que foi feito para estatificar o progresso, acabou estatificando um discurso que expõe o benemérito senhor que tanto auxiliou os colonos, os trabalhadores do seu engenho de arroz, de suas charqueadas, remetendo a uma devoção do povo para com ele. Essa memória foi sendo construída e solidificando um discurso emotivo, para permitir a permanência do poder nas mãos da elite econômica da cidade. É uma estética nacionalista, essas representações monumentais do povo, com o líder no alto, guiando o desenvolvimento, a quem “devemos” o progresso da cidade, o trabalho e os avanços. Mas que acaba mostrando, uma política excludente (feita pela e para a elite), uma economia datada (na qual não conversa com o sistema vigente) e principalmente uma sociedade desigual e desproporcional (excluindo e dominando parcelas populacionais oprimidas).

Referências bibliográficas:

ÁVILA, Cristiane Bartz de. et al. Patrimônio cultural imaterial: uma contribuição para a memória social da cidade. **Linguagem & Ensino**, Pelotas, v.21, n. esp., p. 223-243, 2018.

BAUER, Caroline. Políticas de memória: aproximações conceituais e teóricas. GALLO, Carlos (org.). **Nas trincheiras da memória: lutas pelo passado, políticas de memória e justiça de transição no sul da Europa e na América do sul**. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2021. p. 12-23.

BAUER, Caroline. Políticas de memória: aproximações conceituais e teóricas. GALLO, Carlos (org.). **Nas trincheiras da memória:** lutas pelo passado, políticas de memória e justiça de transição no sul da Europa e na América do sul. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2021. p. 12-23.

CHARAUDEAU, Patrick. **Linguagem e Discurso:** modos de organização. 2ª edição. São Paulo: Editora Contexto, 2008.

DILLY, Gabriela; GEVEHR, Daniel Luciano. Tombamento, Poder e Representação: o patrimônio cultural no Rio Grande do Sul. In: GEVEHR, Daniel Luciano. **Memória, Identidade e Patrimônio Cultural:** uma contribuição dos estudos regionais. Científica Digital, 2021, p. 105-127.

FABRE, Daniel. Catástrofe, descoberta, intervenção ou o monumento como evento. **Revista Memória em Rede**, 2019, vol. 11, no 21, p. 8-19. <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/Memoria/article/view/16689>. Acesso em: 1 out. 2023.

FARO, Flávia Silva; GONÇALVES, Margarete R. Freitas. Esculturas de Bronze da Praça Coronel Pedro Osório, Pelotas, RS, no Patrimônio da Cidade. **24º Encontro da ANPAP, Compartilhamentos na Arte:** Redes e Conexões, Santa Maria, 2015.

FÜHR, Jean Jeison; GASPARETTO, Quéssia Katúscia. Racismos institucionais e invisibilidades da história e patrimônio cultural afrodescendente em cidades de colonização predominantemente alemã. **Captura Críptica: Direito, Política, Atualidade**, v. 12, n. 1, 2023. Disponível em: <https://ojs.sites.ufsc.br/index.php/capturacriptica/article/view/5874>. Acesso em: 08 de novembro de 2025.

HARTOG, François. **Regimes de historicidade:** presentismo e experiências do tempo. Belo Horizonte: Autêntica, 2014. (Capítulo 4 – “Memória, história, presente” p. 133-191).

GONÇALVES, José, R. Autenticidade, memória e ideologias nacionais: o problema dos patrimônios culturais. **Estudos Históricos**, v. 1, n. 2, p. 1-10, 1988. Disponível em: <https://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2163>. Acesso em 05 de out. de 2023.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. O mal-estar no patrimônio: identidade, tempo e destruição. **Estudos Históricos** (Rio de Janeiro), v. 28, p. 211-228, 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/eh/a/FqbLtvWWzbkQGZQsb5jkrjr/?lang=pt>. Acesso em 05 de out. de 2023.

MOREIRA, Simone Xavier. De Princesa do Sul a Satolep: as construções discursivas de uma cidade imaginada. **II Encontro Internacional Fronteiras e Identidades**. Pelotas, 2014.

MOUFFE, Chantal. **Sobre o Político**. São Paulo: WMF Fontes, 2017.

MÜTZENBERG, Lenice Lucia. **A Escultura Pública de Antônio Caringi em Pelotas**. Monografia (Especialização em Patrimônio Cultural: Conservação de Artefatos) - o Instituto de Artes e Design da Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2006.

QUINTANILHA, Inês; PORTELLA, Adriana. **A influência da iluminação artificial no comportamento dos usuários de praças públicas**: O caso da Praça Coronel Pedro Osório. III Encontro da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo arquitetura, cidade e projeto: uma construção coletiva. São Paulo, 2014.

RICOEUR, P. **A memória, a história e o esquecimento**. 8ª ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

SALAINI, Cristian J. **"Nossos heróis não morreram"** : um estudo antropológico sobre formas de "ser negro" e de "ser gaúcho" no estado do Rio Grande do Sul. Dissertação (Mestrado) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre. 2006.

TORINO, Isabel Halfen da et al. Monumentos públicos de Antônio Caringi em Pelotas, RS: entre práticas, representações e consumo. *Patrimônio e Memória, Assis*, v. 15, n. 2, p. 575-597, julho-dezembro de 2019. <http://pem.assis.unesp.br/index.php/pem/article/view/1077/1135>. Acesso em 28 de ago. de 2023.

PREFEITURA DE PELOTAS. **Dez monumentos da Praça contam a história de Pelotas**. 10/11/2018. Disponível em: <https://www.pelotas.rs.gov.br/noticia/dez-monumentos-da-praca-contam-a-historia-de-pelotas>. Acesso em: 20 de julho de 2023.